

Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista

Marian dos Santos Oliveira ¹

¹ Departamento de Estudos Básicos e Instrumentais - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Km 03 Estrada do Bem Querer 45 000 000 – Vitória da Conquista – BA – Brasil

Abstract. This article shows the study of the verbal agreement, considering the third person plural, or (P6) in Vitória da Conquista, Bahia. The survey, based on the theoretical presuppositions of the Labovian Variationist Theory, was done from a *corpus* composed by sixteen (16) informers' inquiries with people who were born in that city, considered the sex of the informers, three age groups and three schooling levels. In order to check the conditioning linguistic factors in the use of the rule in question, it was considered the NP subject constitution: its carrying out, position and distance from the subject in the clause, the semantic characteristic of the subject, the type of the verb, the tense and the verb conjugation, besides the phonic salience. The results of the analysis made evident that the linguistic group, phonic salience is the most important ones for the achievement of the final results.

Keywords. Agreement, phonic salience, sociolinguistic, variable rules, Vitória da Conquista

Resumo. Este estudo propõe uma análise da concordância verbal de 3^a. Pessoa do Plural (P6) em informantes de Vitória da Conquista, à luz da Teoria Variacionista Laboviana. Foram analisados dezesseis inquéritos e as discussões feitas enfocam apenas as variáveis sociais, quais sejam: gênero, faixa etária e nível de escolaridade. Os resultados obtidos através do programa VARBRUL e a análise demonstram uma situação de variação estável.

Palavras-chave: Concordância, regra variável, sociolinguística, Vitória da Conquista

1 Introdução

É sabido que a consciência de que a língua muda com o tempo e varia no espaço é algo que remonta a datas bastante remotas. Todavia, a despeito de qualquer consideração dessa sua natureza variável, a língua, como instrumento de comunicação que é, está condicionada a questões de ordem política, educacional e social, e é regulamentada por uma elite que dita o que é certo ou errado, e por isso tem se constituído num entrave àqueles que, não tendo o domínio dessa norma, se vêem às voltas com uma forma de falar que foge ao que postula a Gramática que é o modelo que essa elite impõe.

Na direção contrária desse tipo de posicionamento, os estudos lingüísticos, principalmente, os surgidos por volta da década de 1960,

consideram a natureza ímpar dos textos orais, bem como as particularidades de cada falante. Tentando uma abordagem dessa natureza é que analisaremos os inquéritos neste artigo.

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo em que se investiga a Concordância Verbal (CV) de terceira pessoa do plural, ou P6, em Vitória da Conquista / BA -. Inicialmente, apresentam-se, de forma sucinta, alguns tópicos acerca da CV à luz da Gramática Tradicional (GT), os pressupostos teóricos que sustentaram a análise dos inquéritos e uma rápida revisão da literatura segundo a qual essa regra deve ser tratada como variável no Português do Brasil (PB). Em seguida, vêm a hipótese e a metodologia. Seguem-se ainda a apresentação e discussão dos resultados e a conclusão do estudo proposto.

2 Pressupostos Teóricos e Revisão da Literatura

Tanto os manuais gramaticais didático-pedagógicos como Infante (1985), quanto as gramáticas, por exemplo, de Cunha e Cintra (1985) e Bechara (1985), de forma geral, apontam como categórica a regra de concordância verbal, ou seja, desconsideram a realidade¹ lingüística brasileira falada pelo povo, postulando regras, para língua como se fosse possível enquadrá-la da mesma forma que fazemos com as noções de etiqueta.

Cunha e Cintra (1985, p. 485), por exemplo, quando abordam o item concordância, afirmam que: “A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito”.

Os autores estabelecem duas regras gerais de concordância, distinguindo: as estruturas que apresentam um só sujeito e as estruturas que apresentam mais de um sujeito. Essas regras não são as únicas estabelecidas por eles. Mais adiante, tratam dos chamados “casos particulares”, que explicam a ausência de flexão no verbo que se refere ao sujeito com marca de pluralidade.

Dentro da perspectiva da GT, é obrigatória a regra de concordância. A ausência da marca de plural no verbo na terceira pessoa constitui um desvio de norma do Português. Isso é postulado pela maioria dos gramáticos.

Entretanto, nos falantes de Vitória da Conquista, como na maior parte dos falantes brasileiros, a regra de concordância não é obrigatória, pois ora se aplica, ora deixa de se aplicar, ou seja, aparentemente, trata-se de uma regra variável.

Buscando elucidar essa questão, embasamo-nos numa área de estudo que se detém na variação lingüística: a Sociolingüística, que busca demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social, ou seja, relacionar as variações observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade.

Essa postura variacionista não é fruto do acaso, parte da concepção de que a relação entre língua e sociedade não é de mera casualidade, muito pelo contrário.

Ela surge em oposição à ausência do componente social e ao tratamento idealizado da língua por parte dos estruturalistas e gerativistas. Os variacionistas levaram para o centro de interesse dos estudos lingüísticos o uso do falante, defrontando-se com sua heterogeneidade. (Labov, 1972). A teoria variacionista tem como objetivo estudar a fala como uma das formas de comportamento social.

Seguindo essa orientação teórica, vários pesquisadores têm estudado o PB, seja observando a concordância ou um outro aspecto do PB, como Motta (1979), Oliveira (1982), Mollica (1989), Scherre (1991), Monguilhot e Coelho (2002) e todos têm apontado para um português brasileiro que varia conforme o sexo, a idade, e o grau de escolaridade do falante.

3 Hipótese

A hipótese de que se parte é a de que a CV em P6 é uma regra, aparentemente, variável nessa comunidade. Isto é, o falante daqui alterna, em seu registro, a marca explícita e a marca zero de concordância.

4 Procedimentos Metodológicos

A variável dependente constitui-se num grupo binário: variante explícita de plural “S”, e variante zero de plural “N”. A seguir, alguns exemplos ilustram essa variável:

Ex 1: Os pais não **MOStra** a realidade (Na1BiPHf2FA)

Ex 2: eles não **querem** mais (Sc1CiSHf2FA)

Os inquéritos ora analisados foram coletados através de entrevistas individuais, realizadas com informantes previamente selecionados, observando-se o seguinte critério: de um *corpus* composto por 48 informantes, partiu-se de 16 inquéritos assim distribuídos: 08 informantes do sexo feminino e 08 do sexo masculino, divididos em três faixas etárias: de 15 a 25, faixa 1; de 26 a 49 anos, faixa 2; e de 50 anos em diante, faixa 3 e três níveis de escolaridade: fundamental, médio e universitário, este último encontrado apenas nos falantes das faixas 2 e 3.

Para verificar os contextos favorecedores no uso de cada uma das variantes, seis grupos de fatores lingüísticos foram considerados – constituição do SN sujeito, posição e distância do sujeito em relação ao verbo, traço semântico do sujeito, saliência fônica, tempo e conjugação verbais.

Foram analisados os dados de concordância em todas as estruturas com sujeito de terceira pessoa do plural, encontradas nos inquéritos. A duração média das entrevistas é de sessenta minutos. Os dados perfazem um total de 1821 ocorrências.

Na codificação e análise incluíram-se apenas as estruturas em que o sujeito plural era identificável, mesmo que apenas pelo contexto (sujeitos simples ou compostos, antepostos ou pospostos ao verbo, expresso ou apagado); consideraram-se também estruturas cujo sujeito estivesse na pergunta do entrevistador ou mesmo subentendido.

Por questões de ordem teórico-metodológicas desprezamos estruturas com verbo **ser**, cujos constituintes seguintes pudessem ser confundidos com sujeito ou com predicativo. O mesmo critério foi adotado para estruturas com verbo **existir** e **ter**, com sentido de existir

Para que fosse possível verificar a influência dos fatores na variável em estudo, os dados foram quantificados através do Programa Varbrul. PINTZUK (1988)

Nesse artigo, apenas as variáveis sociais: gênero, faixa etária e grau de escolaridade são abordadas.

5 Resultados e Discussão

Do total de 1.821 ocorrências, 1.019 apresentaram marca zero de concordância verbal de terceira pessoa do plural e 802 apresentaram a marca explícita, correspondendo a 56% e 44%, respectivamente.

A seleção das variáveis pelo Varbrul se deu na seguinte ordem: escolaridade, faixa etária e sexo. Foi feito um cruzamento entre sexo e escolaridade e faixa etária, sexo e escolaridade. Seguem, então, os resultados e a discussão de cada uma das variáveis selecionadas.

5.1 Grau de Escolaridade

Segundo Silva e Votre (1991) a escolarização é a mais atuante entre as variáveis sociais. Eles firmam que: “é a escolarização que influencia o maior número de fenômenos e sempre no mesmo sentido. [...] podem ocorrer casos em que há falantes que entram na escola usando com grande frequência a forma padrão, enquanto outros não usam, mas a escola poda o uso não-padrão” (p. 368).

Tabela 6 – Marca Zero de concordância, considerando o grau de escolaridade.

Grau de Escolaridade	APL /TOTAL=%	PR
Ensino Fundamental	431 / 604 = 71%	0, 73
Ensino Médio	393 / 742 = 53%	0, 51
Ensino Universitário	195 / 475 = 41%	0, 21
TOTAL	1019 / 1821 = 56%	

Nota-se, pelos números da tabela 6, que a escolaridade ainda é o fator mais importante na determinação do uso da variante explícita de plural, pois os dois lados opostos - ensino fundamental e ensino universitário – evidenciam também números bastante opostos entre si – 0, 73 e 0, 21, respectivamente. O ensino médio ocupa uma posição intermediária, pois a diferença entre marca explícita e marca zero é quase nula e o peso é de 0, 51.

A maioria dos estudos nesse sentido tem demonstrado a mesma realidade lingüística encontrada na comunidade de Vitória da Conquista. De fato, os indivíduos menos escolarizados tendem a um baixo grau de concordância. Vale salientar, também, que embora não tenha sido controlada, a grande maioria dos informantes de nível Fundamental, pertence também a uma classe social baixa.

5.2 Faixa Etária

Segundo fator escolhido dentre os sociais, na maioria das sociedades, a idade é uma importante categoria para a interação e a organização social.

Para que se possa falar em mudança lingüística com base nos resultados de análises sincrônicas, é necessário, conforme Labov (1981), que se constate a diferença etária, o que ainda não pode ser considerado como condição suficiente para a existência de mudança, já que as diferenças dialetais podem indicar apenas gradação de idade.

Com o objetivo de se tentar resolver as possíveis dúvidas acerca do fenômeno em ocorrência, devem-se buscar outros padrões associados, por exemplo, ao comportamento do sexo (Labov, 1981).

No que se refere à idade, baseados em Labov, Wolfram e Fasold (1974) falam sobre as diferenças de geração lingüística e gradação de idade. As primeiras podem ser tomadas como evidência no tempo aparente das mudanças que se realizam no tempo real. A segunda, por outro lado, refere-se aos comportamentos apropriados para diferentes estágios na história da vida de um indivíduo. A gradação social não pode ser considerada dissociada de uma matriz social mais ampla que inclua os valores e os conflitos sociais da comunidade que está sendo estudada.

Cedergren (1987) comenta que os estudos de mudança em progresso têm usado a noção de tempo aparente como um meio de identificar as tendências evolutivas implícitas em um conjunto de dados. Esse procedimento metodológico, em sua concepção, está subordinado à hipótese de que a gramática dos falantes individuais torna-se estável em tempo relativamente curto, após o final do período de aquisição da língua ou durante a adolescência. Em decorrência disso foi que estabelecemos as três faixas etárias distribuídas na tabela 8.

Em português há alguns estudos que explicitam fenômenos envolvidos com a mudança em progresso: a concordância nominal de número, por Naro (1981); o cancelamento do R, por Oliveira (1982). Os três fenômenos estão envolvidos em lapsos temporais acima dos estabelecidos por Labov (1981).

Diferentemente, o estudo de Mollica (1989) sobre o queísmo e o dequeísmo no português do Brasil aponta evidências, a partir dos resultados, para que tal fenômeno seja considerado uma variação estável, já que: “as diferenças nas freqüências e nas probabilidades entre faixas etárias não são significativas a ponto de se poder levantar qualquer suspeita sobre possível movimentação da variação em estudo em direção à mudança” (p.97).

Tabela 8 – Marca Zero de concordância, considerando a faixa etária do informante.

Faixa Etária	APL /TOTAL=%	PR
Faixa 1	207 / 439 = 47%	0, 33
Faixa 2	386 / 757 = 51%	0, 45
Faixa 3	426 / 625 = 68%	0, 67
TOTAL	1019 / 1821 = 56%	

Os informantes da terceira faixa etária 3 são aqueles que menos apresentam marca explícita de concordância, ou seja, são os que mais apresentam a marca zero 0,67. Em contrapartida, os da faixa 1 apresentam um baixo índice de ausência de marca. Isso pode ser explicado se considerarmos que os indivíduos mais jovens estão mais sintonizados em contextos sociais que divulgam a norma prestigiada: muitos ainda estão estudando, pretendem entrar na universidade, por isso estão em cursinho pré-vestibular; são os que mais se interessam pelos meios de comunicação, como televisão, rádio, entre outros; e estão em pleno desenvolvimento profissional e social.

5.2.1 Cruzamento: faixa etária e grau de escolaridade

Tabela 9 – Marca Zero de concordância, considerando a faixa etária do informante.

Faixa Etária	APL /TOTAL=%	PR
Faixa 1 / Fundamental	77 / 115 = 67%	0, 54
Faixa 1 Médio	130 / 324 = 40%	0, 34
Faixa 2 / Fundamental	134 / 234 = 57	0, 66
Faixa 2 / Médio	134 / 246 = 53	0, 40
Faixa 2 / Universitário	121 / 277 = 44	0, 23
Faixa 3 / Fundamental	220 / 255 = 86	0, 87
Faixa 3 / Médio	132 / 172 = 77	0, 76
Faixa 3 / Universitário	74 / 198 = 37%	0, 25
TOTAL	1019 / 1821 = 56%	

Cruzando escolaridade com faixa etária, percebe-se que a escolaridade é o que mais motiva a não ocorrência da marca explícita de plural, sendo os pesos mais relevantes justamente nesse aspecto: 0, 54, 0, 66 e 0, 87. Contudo, é possível dizer também que, caso o informante seja da faixa 3 e tenha como instrução escolar apenas o nível fundamental, as chances de cancelamento da marca se tornam ainda maiores, pois um outro fator que condiciona a escolha dessa variante do ponto de vista dos pesos relativos apresentados é a faixa etária, pois há também um índice alto entre informantes dessa faixa com o nível escolar médio, 0, 76.

5.3 Sexo

Encontra-se um amplo conjunto de estudos, indicando que homens e mulheres diferem em seu uso de língua em vários aspectos.

Sistemas inteiros de paradigmas gramaticais podem variar baseados nos sexos dos falantes, indicando que o sexo interage com outras variáveis ao serem considerados alguns aspectos da diferenciação dialetal.

Para Labov (1972), a diferença de sexo na fala desempenha um importante papel no mecanismo de evolução lingüística, que, por sua vez, está ligada aos padrões cotidianos de interação social.

Partindo da premissa de que as mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio do que os homens na situação da variável estável, como coloca Oliveira (1982), o seu comportamento deveria ser interpretado como índice de mudança ou de variação plena se considerarmos que enquanto elas mantêm viva a forma de prestígio, eles, os homens, tendem à inovação. Ainda nos seus estudos, Labov (1972) diz que em situações de variável estável, os falantes do sexo feminino, mais do que os falantes do sexo masculino, tendem a se aproximar da norma estabelecida, apesar de se considerar que a diferença entre comportamento lingüístico entre os dois sexos ocorra mais na fala cuidada do que na fala espontânea.

Scherre, após observações sobre a variável sexo, resultante de estudos desenvolvidos por Naro (1981), Guy (1981), e Oliveira (1982) cujas conclusões são diferenciadas quanto ao papel sexo na variação estável ou na mudança lingüística em progresso, ora destacando-se o papel do homem, ora o da mulher, diz que “ a conclusão mais segura que parece se poder estabelecer até o momento é que há uma tendência geral de as mulheres se aproximarem do padrão e de os homens se diferenciarem dele” (1989, p. 130).

Nos nossos dados, em princípio, esse não foi um grupo que se mostrou relevante, pois não foi selecionado pelo Varbrul. Diante disso, cruzamos esse grupo com o grupo “nível escolar”.

5.4 Cruzamento de fatores: sexo e escolarização

Tabela 7 – Marca Zero de concordância, considerando o cruzamento entre o grupo sexo e o grupo escolaridade.

Sexo / Escolaridade	APL /TOTAL=%	PR
Feminino / Fundamental	250 / 375 = 67%	0, 74
Feminino / Médio	203 / 344 = 59%	0, 54
Feminino / Universitário	114 / 254 = 45%	0, 24
Masculino / Fundamental	181 / 229 = 79%	0, 79
Masculino / Médio	290 / 398 = 48%	0, 49
Masculino / Universitário	81 / 221 = 37%	0, 17
TOTAL	1019 / 1821 = 56%	

Os números, resultantes do cruzamento entre sexo e grau de escolaridade e expostos na tabela 7 confirmam os resultados que pesquisas de outras localidades têm demonstrado: nosso universo feminino segue, de certa maneira, a tendência geral de fazer mais concordância do que os homens. Entretanto, a diferença de uso da marca zero, entre informantes do sexo feminino de nível fundamental, 0, 74, e os informantes do sexo masculino com o mesmo perfil escolar, não é muito significativa, esses últimos 0, 79, dessa forma, uma interpretação seria a de que a força atuante nesses casos seria o grau de escolaridade, não o sexo dos informantes

Olhando os demais pesos de um outro ângulo, nota-se que o grupo feminino, apresenta 0, 54 para marca zero, em detrimento do grupo masculino

que tem um peso de 0,49 quando sua formação é o ensino médio. Esperava-se que também no médio as mulheres mantivessem a tradição de manutenção da forma de prestígio, isto é, concordância explícita. Não foi o que se apresentou aqui. Isso é algo curioso e destoa daquilo que a maioria dos estudos sobre o tema tem proposto. Note-se ainda que os pesos para informantes femininos ou masculinos de nível universitários mostram uma tendência à manutenção da concordância explícita, como se tem proposto.

5.5 Cruzamento de fatores: idade, sexo e escolaridade

Tabela 10– Marca Zero considerando o cruzamento dos fatores sociais.

Sexo / Idade / Escolaridade	APL / TOTAL=%	PR
Feminino / Faixa 1 / Fundamental	77 / 115 = 68%	0,54
Feminino / Faixa 2 / Fundamental	57 / 135 = 42%	0,59
Feminino / Faixa 3 / Fundamental	116 / 125 = 93%	0,94
Feminino / Faixa 1 / Médio	55 / 107 = 51 %	0,45
Feminino / Faixa 2 / Médio	70 / 134 = 52%	0,35
Feminino / Faixa 3 / Médio	78 / 103 = 76%	0,78
Feminino / Faixa 2 / Universitário	64 / 164 = 39	0,19
Feminino / Faixa 3 / Universitário	50 / 90 = 56%	0,44
Masculino / Faixa 1 / Fundamental	102/150=68%	0,54
Masculino / Faixa 2 / Fundamental	77 / 99 = 78%	0,74
Masculino / Faixa 3 / Fundamental	104 / 130 = 80%	0,78
Masculino / Faixa 1 / Médio	75 / 217 = 35%	0,29
Masculino / Faixa 2 / Médio	61 / 112 = 54%	0,46
Masculino / Faixa 3 / Médio	54 / 69 = 78%	0,74
Masculino / Faixa 2 / Universitário	57 / 113 = 50%	0,29
Masculino / Faixa 3 / Universitário	24 / 108 = 22%	0,14
TOTAL	1019 / 1821 = 56%	

Fazendo o cruzamento entre os três grupos sociais, percebe-se que, caso o informante da faixa 3 tenha como instrução escolar apenas o nível fundamental, as chances de cancelamento da marca se tornam ainda maiores, pois um outro fator que condiciona a escolha dessa variante do ponto de vista dos pesos relativos apresentados é o grau escolar do indivíduo. Isso é quase categórico, tratando-se de uma mulher, embora o peso referente ao grupo masculino também caminhe no mesmo sentido, mas é curioso que elas e não eles apresentem 0,94 na tendência à zero.

Nota-se, portanto, uma tendência diferenciada em relação a estudos desenvolvidos em outras regiões. O peso para os homens desse perfil, não é aquilo que esperávamos, embora também seja alto, 0,78,. De fato, esperávamos o inverso disso, já que consideramos como hipóteses que o grau de escolaridade é o fator social mais relevante na escolha da variante de prestígio ou na da variante estigmatizada; também consideramos que os homens são mais tendentes

ao uso da variante estigmatizada. Considerando que se tratam de indivíduos da mesma faixa etária, cabem-nos alguns questionamentos: nesse cruzamento, qual é a força que está atuando para que as mulheres apresentem um peso tão alto de não concordância? E no nível médio, por que a mulher e não o homem apresenta 0,78 como tendência para a marca zero?

Confirmando o que a maioria dos autores aqui citados afirma, os fatores sociais constituem-se em restrições que podem ser medidas em termos de frequência e peso relativo. Nesse *corpus*, os pesos levam-nos a concluir que a marca zero terá um contexto favorecedor se se tratar de um informante da faixa três, isto é, os registros, dos falantes de idade mais avançada, pesam mais na tendência a um sistema morfossintático sem concordância na comunidade de Vitória da Conquista, e essa configuração vai se modificando quando o registro é de um informante mais jovem, o que significa que existem duas forças atuando nesse dialeto: uma que está caminhando para um sistema sem marca de concordância verbal e outra que recupera esse paradigma.

Nota-se também que se tratando de um informante da faixa três e com o fundamental como nível escolar, as chances de cancelamento da regra se tornam ainda maiores, pois um outro fator que está condicionando a escolha dessa variante, do ponto de vista dos pesos, é o grau de escolaridade do indivíduo, pelo menos é isso que podemos dizer por hora, mas os números já nos indicam que é necessária uma outra volta ao Varbrul, e, principalmente, uma nova análise visando detectar se existe alguma variável que não foi considerada, sendo usada apenas por mulheres.

7 Conclusão

Para tanto, voltemos aos principais pontos discutidos ao longo do trabalho, evidenciando os resultados alcançados.

Quanto aos fatores sociais analisados, sexo, faixa etária e escolarização conformam-se à tendência que outras pesquisas têm evidenciado, sendo a escolaridade o mais preponderante dentre eles. Cabe apenas uma observação em relação ao sexo: a população feminina daqui não se mostrou completamente semelhante à população feminina de outras localidades, pois, os números relativos aos informantes desse gênero mostraram-se, em alguns momentos, tendentes à não aplicação da concordância.

Em relação à variável em estudo, confirma-se a hipótese de que a CV no português do Brasil ora se aplica ora deixa de se aplicar, encontrando-se em pleno processo de variação em Vitória da Conquista, comunidade que alterna em sua fala as duas formas de registro, a saber, registro com marca explícita em P6 e registro com a marca zero ou sem marca explícita de plural.

Esperamos que o nosso trabalho de alguma maneira venha a contribuir para o avanço dos estudos sociolinguísticos no país e também para a melhoria do ensino de língua materna nas escolas de primeiro e segundo graus dessa comunidade. Acreditamos que esses resultados servirão como fontes de reflexão para uma postura, em sala, que vise, por parte dos professores, não só a explicação da norma no sentido tradicional, mas também da língua em toda sua

dinâmica, reflexo de todas as implicações pragmáticas e sociais em que os falantes estão imersos.

8 Referências Bibliográficas

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37^a. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1985.
- CEDERGREN, H. J. The spread of language change: verifying inferences of linguistic diffusion. In: LOWENBERG, P. G. **Language Spread and language policy: issues, implications, and case studies**. Washington: Georgetown University Press, 1987.
- CUNHA, C e LINDLEY, L, F. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GUY, G. **Sociolinguistic Variation in Rio Portuguese: sound change as cause of syntactic change**. Tese de Doutorado: University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.
- INFANTE, U. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 1985.
- LABOV, W **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, Philadelphia Press, 1972.
- LABOV, W. What can be learned about change in progress from synchronic description? In: SANKOFF, D., CEDERGREN, H. **Variation omnibus**. Carbondale and Edmonton, Linguistic Research, Inc, 1981.
- MOLLICA, M. C. de M. **Queísmo e (De) queísmo em português**. Rio de Janeiro, UFRJ. Tese de Doutorado, 1989.
- MOTTA, E. **Escolarização e Variação Lingüística**. Campinas: Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1979.
- NARO, A . The Social and structural dimension of a syntatic change. In: **Language**. LSA, 1981. v. 57, n. 1, p. 63 – 98.
- PINTZUK, S. **Varbrul program**. Philadelphia: University of Pensnsylvania. Mimeogr. 1988.
- SCHERRE, M. M. P. Sobre o princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F (Org). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 301-332.
- SCHERRE, M. M. P. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. **Organon. A variação no português do Brasil**. Porto Alegre, UFRGS – Instituto de Letras, 1991. v.18, n. 5, p. 52-70.
- SILVA, G. M. de O. VOTRE, S. J. Estudos sociolingüísticos no Rio de Janeiro. **D.E.L.T.A.**, 1991. 7. (1): 357-76.
- WOLFRAM, W. ; FASOLD, R. (1974). **The study of social dislects in american English**. New Jersey: Pretice-Hall, Inc, 1974.